

# A SIMBÓLICA VIOLÊNCIA DA TEORIA

Luiz Antônio Cunha

Depois de refletir sobre as "Torcidas de nariz a Bourdieu e Passeron", de José Carlos Durand, envio-lhe esta carta aberta com dois objetivos. Primeiro, criticar posições por ele tomadas que me parecem equivocadas. Segundo, expor minha opinião sobre aspectos da teoria em questão.

Prezado Durand,

Pelo que vejo, minhas "Notas para uma leitura da teoria da violência simbólica" (*Educação e Sociedade* nº 4, setembro 1979) ainda o incomodam, a ponto de você "torcer o nariz" com mais indignação para as supostas omissões da leitura que fiz da teoria do que para as rejeições de certos colegas nossos. Não tenho a esperança de fazer você aceitar minha leitura. Mas, para evitar mal-entendidos, vou lhe dar alguns esclarecimentos.

A idéia de apresentar a teoria da violência simbólica, tal como está posta no livro I de *A Reprodução*, foi acionada pelo texto de Carmen Sylvia Vidigal Moraes intitulado "Ideologia e intelectuais em Gramsci". Quando li este trabalho, em 1976, ele já estava mimeografado e era utilizado como material didático. Com um fim bem determinado em mente, a autora buscava criticar aqueles que faziam uma leitura bourdieuniana de Gramsci e negavam a estratégia revolucionária proposta pelo teórico italiano. Minhas dificuldades para com o texto de Carmen Sylvia apareceram quando ela disse ter percebido "a presença de Gramsci nas formulações centrais de Bourdieu" e, também, que a obra deste teria trazido, "via Gramsci", grande contribuição para o avanço das concepções marxistas. Antes mesmo que este texto viesse a ser publicado em *Educação e Sociedade* (nº 1, setembro 1978), redigi minhas "Notas..." com a intenção de sublinhar a influência não dos discípulos de Marx, mas, sim, de Max (Weber) no pensamento de Bourdieu e Passeron. Além disto, destacar a dificuldade para o entendimento da própria teoria acarretada pela presença nela de categorias correntes no pensamento marxista, mas com diferente conteúdo: formação social, classe social, autonomia relativa e outras. Não explicitarei, nas "Notas...", o interlocutor, por considerar o objetivo de Carmen Sylvia bem mais amplo do que o meu. Hoje, vendo os problemas trazidos pelas omissões do seu texto, Durand, pergunto-me se não teria sido melhor indicá-lo. Minha intenção foi, também, redigir *em prosa* a teoria originalmente escrita *em versículos*, contornando a dificuldade de sua forma indigesta para os não sociólogos (e até para nós), agravada pelos problemas da edição brasileira a que você faz referência. Em outras palavras, tornar a teoria mais acessível a leitores de "capital cultural" ou, pelo menos, de tempo e paciência menos raros. O próprio título expressava o reconhecimento da

inevitabilidade de múltiplas leituras da teoria: daí as "Notas para uma leitura..." A preocupação com a objetividade estava presente a todo instante, pois eu buscava apresentar a teoria da violência simbólica tal como os autores foram capazes de comunicá-la, apesar das dificuldades que já sabemos e nem sempre dissolvemos. Não podia, é claro, por coerência, deixar de advertir os leitores para contradições nem para questões que os autores não foram capazes de esclarecer. Eu acreditava, como acredito ainda, que o autor é o principal responsável pelo não entendimento de sua obra. Isso vale para mim também. Adicionei à minha leitura resenhas das principais críticas conhecidas na época: as de Prost, Petit, Baudelot/Establet, Snyders. Não incluí o comentário de Sainsaulieu — a quem você faz referência nas "torcidas de nariz" — porque não o julguei propriamente um crítico. Por outro lado, não entendi porque você omitiu Snyders da lista dos críticos. Será porque não é oficialmente um sociólogo? Não fiz a *minha* crítica, Durand, porque não tinha, na ocasião, coisa alguma a acrescentar ao que já havia sido dito. Ademais, não queria colocar minha assinatura nas idéias de outros, como se faz tanto em nosso meio, prática favorecida pela dificuldade de acesso às fontes bibliográficas estrangeiras. Não foi por uma suposta atitude de "bom mocismo". Lamento que você não tenha entendido a intenção de objetividade e de uso didático. Se minha leitura não procedia, por que não acusou os erros, evitando que eles causassem males a quem a lesse? Você tinha o dever de fazê-lo, ao invés de lançar agora essa suspeita tão vaga quanto injusta de "fúria exorcizante". Passados três anos da publicação das "Notas..." estou certo de que elas atingiram seus alvos, apesar das mutilações e das deformações sofridas pelo texto no processo de edição/impressão.

Mas não pense que foi sua investida transversa contra as "Notas..." a única coisa que me preocupou em suas "torcidas de nariz". Há questões mais graves, que vou resumir e grupar em cinco parágrafos para facilitar minha crítica.

1. Você disse, logo no começo do seu texto, que após a tradução "a seco" de *A Reprodução*, em 1975, vieram a "severa crítica" de Bárbara Freitag em 1977 (*Escola, Estado e Sociedade*) e minhas "Notas..." em 1979. E você emenda: "daí resultou um processo de incorporação/exclusão desses autores (Bourdieu e Passeron) no campo da sociologia educacional brasileira". Estranhei a imprecisão. Daí = de aí. De onde/ quando? Da tradução de *A Reprodução* ou dos outros citados? De tudo junto? Seria de se esperar que o tal processo de incorporação/exclusão começasse ou pelo menos se intensificasse com o livro de Bourdieu e

Passeron em português. Duvido que o livro de Bárbara Freitag tenha influenciado neste processo. Minhas "Notas...", talvez sim, embora eu não consiga avaliar a direção nem a intensidade de sua força. Mas você omitiu outros trabalhos que incorporaram ou rejeitaram o pensamento de Bourdieu e Passeron, de maneira e em profundidade diversas, alguns escritos até mesmo antes que *A Reprodução* fosse traduzida: a) *A Noite da Madrinha*, de Sérgio Miceli (1972), no qual a incorporação é intensa e explícita, continuando assim em outros títulos de sua prolífica produção, com destaque para a longa introdução a *A Economia das Trocas Simbólicas*, coletânea que organizou em 1973/74. b) *Educação e Desenvolvimento Social no Brasil* (1975), de minha autoria, onde utilizo, recontextualizados, alguns conceitos e algumas noções da teoria da violência simbólica (como reprodução, inculcação, dissimulação, capital cultural), o que me tem valido críticas nada benevolentes. Veja "A propósito de 'Educação e desenvolvimento social no Brasil'", de Carlos Roberto Jamil Cury (*Educação e Sociedade* nº 9, maio 1981), para conhecer a mais recente. c) Omissão injustificada, mesmo por questão de modéstia, é a do seu "Ocultação escolar das relações de dominação" (*Ciência e Cultura*, vol 28, nº 12, dezembro 1976), lido para numerosa assistência na reunião da SBPC de 1976 (Brasília). Neste texto, que ainda considero sua melhor publicação, você mostrou com justeza e felicidade, a todos quantos estiveram presentes ao simpósio sobre "Educação como uma forma de colonialismo" e aos leitores da revista onde logo saiu impresso, como o pensamento de Bourdieu (e Passeron) pode ajudar a desnudar práticas que a escola precisa esconder, na linha que você retomou nas infelizes "torcidas de nariz". d) Na menção das pessoas que procederam a incorporação/exclusão da teoria da violência simbólica, você não poderia ter esquecido o artigo de Carmen Sylvia Vidigal Moraes, comentado mais acima, tanto pela peculiaridade do que absorve e do que rejeita, quanto pela penetração da revista onde foi publicado. Paro de citar, Durand, embora deva haver outras referências. Elas mereciam vir mencionadas em seu artigo, pelo menos em rodapé. Já que seu objetivo era tratar da incorporação/exclusão, o sujeito desse processo deveria ser melhor delineado.

2. Você tocou num ponto muito importante ao mostrar que "*A Reprodução*" não pretendeu ser obra final de Bourdieu em seus estudos acerca do sistema escolar, nem este foi seu único ou principal objeto de interesse. Ao tempo em que a escreveu, Bourdieu avançou em termos empíricos e teóricos em formulações acerca da produção e circulação de significações na sociedade de classes. Nesse âmbito mais geral de preocupações, cuidou ele de esmiuçar a estrutura interna dos meios de produção da alta cultura." Apesar de concordar com você quanto a isso (o que, aliás, já tinha dito nas "Notas..."), acho que discordamos quanto ao significado de *A Reprodução*, particularmente do livro I. Entendo que, aí, Bourdieu e Passeron procuraram elaborar uma *teoria geral* da violência simbólica a fim de estabelecer a especificidade da ação pedagógica e de um de seus tipos, a ação escolar. Como teoria geral, pretende ser válida pa-

ra todas as sociedades onde têm (ou tiveram ou terão) vigência relações de força entre grupos ou classes, quaisquer que sejam (ou fossem). O livro II daquela obra já é uma "aplicação" da teoria apresentada no livro I à conjuntura francesa atual. Em outros textos, os autores, principalmente Bourdieu, não têm tal pretensão. Teria sido o livro I de *A Reprodução* produto de uma pressa de apreender de modo abrangente o campo cultural, o religioso, o político, o artístico, etc., e o sistema de ensino institucionalizado que inculca a cultura arbitrariamente selecionada pelas classes dominantes? Em apoio a esta sugestão, lembro-lhe que as críticas incidem mais sobre as generalizações do livro I do que sobre a "aplicação" do livro II. Ainda há outra coisa: nas "torcidas de nariz", você chama a atenção para a relevante questão dos interesses específicos dos produtores e intérpretes culturais (voltarei a este ponto mais adiante). Pois bem, estes interesses específicos não são admitidos na teoria expressa no livro I. Reveja o item sobre o SE e você vai ler que os agentes da ação escolar são formados de modo que fiquem impossibilitados de exercer ações pedagógicas heterogêneas e heterodoxas. Assim não dá para entender a sua atividade nem a minha!

3. Depois de mostrar que *A Reprodução* foi traduzida para o português, foi incorporada e rejeitada, você disse que "Bourdieu e Passeron passaram então a ser encarados como autores de uma sociologia — para não usar eufemismos — reacionária, cujo maior perigo estaria em convencer de que a eficácia da ação pedagógica na imposição ideológica da dominação de classe seria nada menos do que total e definitiva." Deixemos de lado tal pichação, pois não ajuda a entender coisa alguma. Se esse julgamento de reacionarismo existiu com a importância que você faz crer, por que não se contrapôs a ele diretamente? Seria mais produtivo que você criticasse algum texto *real* do que uma idéia talvez fantasmagórica. Mas, convenhamos, esse sentimento de rejeição encontra apoio na própria teoria. Está dito, lá no livro I, que um trabalho pedagógico produz um *habitus irreversível*, só passível de modificação por meio de outro trabalho pedagógico que, por sua vez, produzirá novo *habitus irreversível*. Vou lhe dizer o que acho. Para mim, a teoria da violência simbólica, tal como vai expressa no livro I de *A Reprodução*, permite um conhecimento *parcialmente correto* da ação escolar. Ela diz como a escola é em termos idealtípicos. Ocorre que, quanto mais a escola concreta — não a escola ideal-típica — se aproxima deste tipo ideal, mais se desenvolvem as forças que a fazem se distanciar dele. Quanto mais a escola abrange mais gente, profissionaliza seus quadros e diferencia sua burocracia, por uma exigência dos próprios interesses materiais e simbólicos das classes dominantes, maior a mudança sofrida pelo conteúdo a ser ensinado e seu resultado vai contra o esperado. Esta contradição, inerente à escola na sociedade capitalista, só pode ser percebida do ponto de vista marxista. *A Reprodução* nem mesmo deixa entrevê-la. Infelizmente, a teoria (livro I) não permite compreender, também, a articulação entre as agências de violência simbólica não escolares (como meios de comunicação de massa, as igrejas, os partidos políticos) e a própria ação escolar. Só nos diz o que aquelas agências de violência

simbólica *não têm*, comparativamente à ação escolar: autoridade escolar e trabalho pedagógico. No entanto, sabemos como elas são capazes de reforçar e até mesmo de obstar um trabalho pedagógico. Que tal compararmos o amplo e difícil movimento contra a ditadura lá por 1970/73 com a (in)eficácia da Educação Moral e Cívica ou a dos Estudos de Problemas Brasileiros? Ainda assim, a teoria apresenta corretamente os mecanismos reprodutores da escola (a menos de certas questões duvidosas como a da "distância" entre hábitos culturais). Se ela for empregada para desvendar os mecanismos reprodutores, será muito útil, mais do que qualquer outra que conheço. Mas, se o objetivo é descobrir o ovo do novo dentro da carcaça do velho, ou reorientar a prática pedagógica de professores, será míope e desmobilizadora. Sei que teremos, algum dia, uma teoria abrangente que permitirá ver, ao mesmo tempo, os dois lados da escola, tanto seus mecanismos reprodutores quanto os processos nela (e dela) emergentes. Espero que isso aconteça rápido. Erram tanto os que julgam a teoria da violência simbólica absolutamente falsa (reacionária, etc.) quanto os que a veneram como absolutamente verdadeira, não admitindo que possa ter limitações, erros e contradições. Neste sentido, li com simpatia seu reconhecimento de que *A Reprodução* leva a uma "descrença quanto a um saber universal que é pré-condição para estruturar uma ação política transformadora", e sua aceitação de outros problemas levantados por Petit. Mas, será que o preço desse reconhecimento foi a espinhação indiscriminada dos marxistas? Voltarei a tocar neste ponto.

4. Não é difícil perceber a tentação, irresistível para Bourdieu e Passeron, de não colocar, nos grupos ou nas classes dominados, coisa alguma além da cultura (arbitrária) dos dominantes, mais ou menos degradada. Sei que há brechas na teoria, como apontei nas "Notas...", mas nada além de brechas. Para os marxistas, essa é uma questão central, pois sua teoria é pensada como produto — elaborado de forma erudita, sem dúvida — da prática da classe operária, algo impensável pela teoria da violência simbólica. Lembre-se de que o marxismo não é uma teoria acadêmica. Ele está mais vivo fora do que dentro da universidade. Não é o caso da teoria da violência simbólica, que só existe na universidade e para ela. Cabe perguntar, nos próprios termos da teoria de Bourdieu e Passeron, se ela atende aos interesses materiais ou simbólicos da burguesia francesa ao pretender desvendar os mecanismos reprodutores da escola. Se a resposta for positiva, podemos deduzir, pelos seus próprios termos, que, então, ela está dissimulando a verdadeira natureza da ação pedagógica e não a desvendando. Se a resposta for negativa, podemos concluir que a teoria dissimula a existência de produção e transmissão culturais contestadoras no próprio centro/ápice da escola, coisa que ela própria diz não ser possível. O problema,

Durand, como já foi dito, é que a teoria não vê a si própria como um produto cultural. Não é possível supor que Bourdieu e Passeron não pertencem a este mundo ou que foram iluminados, a ponto de estarem isentos das determinações sociais da produção cultural. Este problema se reflete na questão da mudança. É claro que os autores da teoria sabem que muita coisa mudou e ainda vai mudar, mas não dizem como. Sua formulação dá margem a um mecanicismo (mudando as relações de força entre grupos ou classes sociais, muda todo o "resto") incompatível com a própria teoria que enfatiza a especificidade dos modos de produção e de transmissão da cultura. Aliás, quando os autores tratam da questão da mudança em *A Reprodução*, fazem-no *fora* do texto da teoria, na epígrafe do livro. Falam de um pelicano que bota um ovo de onde sai um pelicano igual a ele, que bota outro ovo de onde sai um pelicano igualzinho, etc, processo que só será alterado de *fora*, por alguém que resolva fazer omelete. Parece uma alusão absolutamente imprópria ao lema, atribuído a Lênin, a respeito da inevitabilidade da violência na revolução: não é possível fazer omelete sem quebrar ovos.

5. Finalmente, Durand, acho que você, tanto quanto os críticos de Bourdieu que você desanca (mas não nomeia), "joga fora o bebê junto com a água do banho". Você diz que o cientista social, "desde que tome as categorias marxistas como instrumental de análise (ou como retórica expositiva), poderá ele com- prazer-se no exame interminável de conjunturas políticas bem distantes, de movimentos sociais que não deixaram seqüela alguma no presente, ou ainda poderá dedicar-se aos mais esotéricos ensaios epistemológicos, na convicção de que serve a interesses sociais alevantados. Ou seja, de que seu trabalho se inscreve na "luta de classes". Essa postura permitiria ao cientista social rejeitar como "funcionalista" estudos que não rezassem por aquela cartilha. Talvez eu venha a concordar com você ao identificar esse tal "cientista social" ou algum meio acadêmico particular que funcione desse jeito. Como você não cita ninguém, a suspeita fica difusa e venenosa como uma nuvem de gás, acabando por atingir indiscriminadamente a todos os marxistas. Fica difícil imaginar algo diferente de uma manobra diversionista. É possível que tenha razão ao denunciar a existência de "uma coorte de sacerdotes autorizados" na interpretação da obra de Marx. Nada menos marxista do que a sacralização do marxismo! Essa crítica saneadora pode ser muito importante e benéfica para o próprio marxismo, desde que "se mate a cobra e se mostre o pau". *Contra quem* você luta, Durand? Se souber a resposta, talvez me alie a você. Desconhecendo o interlocutor, fico com a sensação provisória de que se trata de uma projeção (no sentido psicológico do termo) de um candidato a intérprete legítimo da ortodoxia de Bourdieu. . .